GOVÊRNO DO ESTADO DO AMAZONAS

MANAUS, 1910

RETRATO DE UMA CIDADE EM EXPANSÃO

E. BRADFORD BURNS

MANAUS, 1910

RETRATO DE UMA CIDADE EM EXPANSÃO

(Separata do Jornal de Estudos Inter-Americanos, Vol. VII, n.º 3. Julho de 1965. Universidade de Miami, Coral Gables, Florida, USA).

apresentação
de
ARTHUR CÉZAR FERREIRA REIS

(Tradução de Ruy Alencar)

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO RIBEIRO MONTEIRO

Manaus — Amazonas
1966

AmM
0756a

APRESENTAÇÃO

O "rush" da borracha não teve ainda o historiador que o fixasse nas minúcias como contribuição à história social e econômica do Brasil. Nem mesmo as linhas centrais do episódio mereceram os grandes quadros que o propusessem. E no entanto, os motivos para tal são abundantes, os depoimentos de muitos que dêle participaram ainda podem ser colhidos, muito arquivo de seringal, de casa aviadora ainda pode ser recolhido e examinado para dêles extrair-se o necessário à elaboração de capítulos do ensaio. De mim, já contribuí com uma pedrinha, com "O Seringal e o Seringueiro", que o Ministério da Agricultura lançou há anos. Foi uma primeira tentativa para globalizar o assunto, em visão de conjunto e com dados certos, mas não totais. Manaus, por exemplo, no seu fastígio, nos seus dias de esplendor que a aventura contra a floresta autorizara, quem lhe traçou o retrato exato, em corpo inteiro?

O Professor E. Bradford Bruns, do Departamento de História da Universidade da Califórnia, Los Angeles, é autor dêste primeiro esfôrço generoso para retratar a capital amazonense. Fá-lo com maestria em "Manaus", 1910: "Portrait of a Boom Town" recentemente publicado no "Jornal of Inter-American Studs", vol. VII, n.º 3, julho de 1965, Universidade de Miami, Flórida. U.S.

Expansão rápida, seguida, de colapso, caracterizaram a história da indústria de borracha (1). Sua elevação e queda seguiram o modêlo estabelecido pelo pau-brasil, o açúcar, o ouro, os diamantes, o tabaco, o algodão e o cacau. A história dessas indústrias, salienta um dos temas principais da história brasileira: a repetição de ciclos econômicos, durante os quais um produto da terra domina o desenvolvimento de todo o país ou de uma grande parte dêle. Êsse desenvolvimento cíclico levou o economista brasileiro J. F. Normando, à conclusão de que "A história da economia brasileira é um registro sensacional de flutuações surpreendentes. É a história do aparecimento e desaparecimento de indústrias completas" (2). A equipe de economistas norte-americanos, enviada ao Brasil no fim da década de 1940, foi da mesma opinião (3). O breve mas alegre período áureo da borracha, serve bem como protótipo de todos aquêles ciclos. Além disso, os seus efeitos po-

(1) O material para o presente artigo foi coletado quando o autor visitou Manaus, por duas vêzes, em 1960 e 1963. O autor é grato aos responsáveis pela Biblioteca Pública de Manaus, Associação Comercial do Amazonas e Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, pela colaboração que prestaram na localização do mesmo. Palestras com antigos moradores da cidade, que ainda guardavam doces reminiscências do ano de 1910 ou os seus "ao redores", ajudaram-no a compreender melhor aquêle período.

(2) BRASIL, Um Estudo dos Tipos Econômicos (Chapel Hill, N C 1935) p. 18.

(3) George Wythe, Royce A. Wright e Harold M. Midkiff, BRASIL, uma Economia em expansão (New York, 1949) p. 37.

dem ser focalizados em um único ano, o de 1910, quando os preços alcançaram o seu ápice para em seguida iniciar a queda; e de um só ponto geográfico, Manaus, o empório sensível que refletia a prosperidade da indústria.

Manaus, naquele ano de preços máximos da borracha e depois de declínio inicial, serve bem para o estudo do efeito de um ciclo econômico sôbre a comunidade.

Em 1910, Manaus reinava como a capital mundial da borracha. Mais de vinte anos de produção crescente, exportação contínua e de preços em elevação, haviam criado a prosperidade, da qual a cidade era a evidência mais ampla. Nesse ano, Manaus progredia, com os preços atingindo novas alturas e tôda a atmosfera da cidade altamente próspera.

Essa prosperidade e essa atividade alvoroçada, jamais deixaram de impressionar os visitantes que empreendiam a jornada de novecentas milhas subindo o Rio Amazonas, para vê-la. Ficavam invariàvelmente surprêsos, até assombrados, ao que se lhes deparava. E havia razão para êsse entusiasmo. Situada (ou como pensavam muitos "aprisionada") no meio de vasta e sedutora floresta, Manaus alardeava com orgulho tôdas as civilidades de qualquer cidade européia de seu tamanho ou mesmo maior. Um excelente sistema portuário, um serviço de coleta e disposição de lixo eficiente, eletricidade, serviços telefônicos, belos edifícios públicos, residências confortáveis, atestavam o estado de modernização da cidade.

Afastando-se das modernas docas que tinham capacidade para receber os maiores transatlânticos da época, o visitante recém-chegado entrava na *Praça do Comércio,* limpa, arborizada e com sua inevitável fonte,

no caso uma com querubins pintados com muita fantasia. Por trás da praça a cidade se expandia sôbre colinas suaves. Quatro dessas elevavam os prédios mais importantes a posições de proeminência. Um pouco à esquerda, ainda em frente do visitante, elevava-se a grande catedral, no estilo arquitetônico austero dos Jesuítas. Mais à esquerda, sôbre outra elevação, encontra-se a mansão governamental, em estilo neo-clássico. A colina diretamente à frente do observador, recebia os prédios públicos, e era coroada pelo magnífico Teatro Amazonas, uma das esplêndidas casas de ópera daquele tempo. À direita, a imponente biblioteca estadual, com seus dez mil volumes, e um dos melhores hotéis da cidade, o Grande Hotel. Esta capital de 50.000 habitantes, era cercada por um anel de aço de quinze milhas de trilhos, cujos bondes chegavam e saíam da praça.

Os moradores da cidade constituíam um grupo mesclado, representativo dos três tipos humanos, evidenciando mais sangue europeu que os outros 378.476 habitantes do Estado monolítico do Amazonas, comparável em tamanho a todos os Estados Unidos, à leste do Rio Mississipi (4).

Os habitantes do Estado eram, na maioria, índios ou *mamelucos* — uma mistura de índio com europeu. Grande parte dos *mamelucos* havia emigrado do nordeste ou descendia dêsses emigrantes. Haviam penetrado inicialmente no Amazonas, a cata de fortuna ou para fugir ao flagelo das sêcas. Algum sangue negro, muito diluído, também lhes corria nas veias. Em contraste, Manaus contava com poucos índios puros entre seus residentes. Havia grande percentagem de *mamelucos* mas, ao contrário dos seringueiros, êles pendiam mais

(4) As estatísticas para o Estado e para a sua capital podem ser encontradas na *Chorografia do Amazonas* (Manaus, 1925) de Agnello Bittencourt.

para as suas origens européias que indígenas. Dominando a sociedade e as atividades da cidade, encontravam-se os membros da aristocracia brasileira que, ou eram brancos ou passavam como tal, e uma grande percentagem de estrangeiros.

Os lucros da borracha e a prosperidade dessa metrópole extraordinária e próspera, atraíram muitos europeus, americanos de descendência espanhola e norte-americanos. Não existem dados oficiais sôbre a colônia estrangeira em Manaus, mas a evidência indireta indica sua extensão e composição. Em anúncios freqüentes nos jornais locais, advogados ambiciosos ofereciam assistência aos estrangeiros que precisassem regularizar documentação para permanência no país ou nacionalização. Êsses anúncios não teriam aparecido se não houvesse uma colônia estrangeira bastante numerosa e que permitisse um negócio lucrativo. Comentando sôbre essa colônia, certa autoridade observou que os inglêses, franceses, alemães e portuguêses, vinham para dirigir os trabalhos da borracha, enquanto os espanhóis, italianos, sírios e libaneses, emigravam para se dedicarem a outros tipos de negócios na Capital (5). Certa noção, quanto à variedade de nacionalidades e sua fôrça em número, pode ser colhida dos registros do hospital mais importante, a Sociedade Portuguêsa Beneficiente, cujos diretores tiveram o cuidado de anotar as origens de seus pacientes (6). Durante o ano de 1910, os seguintes estrangeiros receberam tratamento médico naquele hospital:

Portuguêses	1.505
Espanhóis	72

(5) João Nogueira da Mata, "Flagrantes da Amazônia" (Manaus, 1960) p. 125.

(6) Relatório da Sociedade Portuguêsa Beneficente do Amazonas (Manaus, 1911) Anexo n.º 6.

Turcos (sírios, libaneses, etc.)	42
Italianos	34
Inglêses	15
Peruanos	11
Bolivianos	6
Austríacos	5
Alemães	2
Americanos	2
Chineses	1
Árabes	1
Russos	1

Em nada surpreende o grande número de portuguêses, espanhóis e italianos, contribuintes tradicionais da emigração brasileira. Talvez um pouco mais inesperada fôsse a quantidade de "turcos" e inglêses, como a presença de um russo.

A influência estrangeira evidenciava-se numa variedade de formas. Anúncios indicavam a existência de numerosos produtos estrangeiros que devem ter dado forma à vida comercial e social da comunidade: revólveres Smith and Wesson, terçados Collins, gramofones Victor, sapatos Walk-over, perfume Lubin, relógios Omega, whiskey Black and White, gin Booth, manteiga da Escandinávia, leite condensado Fussel, motores Otto, licores Bardinet, máquinas de escrever Sun, automóveis Deutz, máquinas Urderwood, whiskey White Label, etc. Na vida comercial a presença inglêsa era a mais conspícua. Os britânicos comercializavam a maior parte da borracha. Seus navios, particularmente os da Booth Line, levavam-na aos portos estrangeiros, e a libra esterlina circulava tão livremente quanto o mil-réis. O único banco estrangeiro em Manaus era inglês.

Mas foram o gôsto e o estilo franceses entretanto, que muito fizeram para a formação dos hábitos diários dos barões da borracha, suas espôsas, amantes, e seguidores. Êsse grupo jactava-se que sua cidade possuía o "espírito alegre da vida parisiense" (7). Interessante também, era o fato de ser o francês a única língua estrangeira ensinada na Escola Normal. O jornal "Le Matin" era encontrado nas principais bancas de jornais. O Teatro Julieta, conforme sua direção, orgulhosamente, lembrava ao público, especializava-se em "apresentar os maiores trabalhos de arte da *Comédie Française*, produzidos pela *Compagnie des Cinematographes Pathé Frères* (Paris) (8). As principais casas de negóciso no afã de satisfazer os gostos femininos traziam nomes como: *Au Bon Marché, La Ville de Paris, Parc Royal* e outros. *Mme. Marie,* "recentemente chegada de Paris", anunciava os últimos modelos daquela Meca da moda, que a maioria da classe superior já havia visitado pelo menos uma vez, muitos, periòdicamente.

Mme. Marie e suas competidoras encontravam um mercado fácil naquela cidade ribeirinha, como foi comprovado pelas observações de uma visitante inglêsa que comentava sôbre as senhoras brasileiras "vestidas em roupas justas francesas" (9). Pelo menos um restaurante francês atendia às preferências do paladar de parte da população que preferia o *escargot* e o *paté de foie*. Os cardápios nos banquetes eram costumeiramente em francês.

Para contrabalançar as fortes influências inglêsas e francesas, o Govêrno Federal estreitou os contactos en-

---

(7) Associação Comercial do Amazonas, Estado do Amazonas, Brasil (New York, 1912) p. 114.

(8) Jornal do Comércio, Manaus, 14 de abril de 1910, p. 3.

(9) Margaret Booth, Viagem aos Andes Amazônicos (Londres, 1910) p. 24.

tre o Rio de Janeiro e Manaus. Comunicações telegráficas ligaram as capitais federal e estadual e havia uma linha de vapores para passageiros e carga, com a freqüência de cinco partidas mensais. O Rio de Janeiro acompanhava essa situação de perto, para evitar o enfraquecimento dos laços políticos que o ligavam ao norte. Não havia dúvidas de que politicamente Manaus estava ligada ao Rio. Não era menos verdadeiro, no entanto, que a cidade dependesse comercialmente de Londres, e culturalmente, em parte, de Paris.

Alimentar-se num restaurante francês, assistir a um cinema francês, e ler um jornal também francês, ocupavam sòmente um lapso limitado de tempo, e só dizia respeito à pequena parte da população. Por êste motivo, Manaus oferecia também grande variedade de outros divertimentos. Para o seu tamanho, a diversidade de atrações era imensa. O cinema já se havia firmado como fonte de entretenimento e o teatro de variedades popularizava-se. Proporcionalmente, Manaus suplantava as outras maiores cidades luso-brasileiras em capacidade de entretenimento. Com seus 50.000 habitantes contava com cinco "casas de diversão", uma para cada 10.000 pessoas; Lisboa com 500.000 habitantes jactava-se de possuir onze, uma média de uma para cada 44.000 pessoas; o Rio de Janeiro, com seus 800.000 também tinha onze, uma para cada 73.000 pessoas (10). Os espetáculos de variedade e os filmes projetados por máquina Édison de último modêlo (11), ofereciam, aparentemente, um dos passatempos mais populares da comunidade, não se excluindo as outras diversões.

---

(10) O grande Anunciador, Manaus, 17 de dezembro de 1910, p. 3.

(11) A gerência do Teatro Alhambra falava com orgulho de suas máquinas Édison recém-adquiridas, que ajudariam o público a se "divertir delirantemente", Jornal do Comércio, 2 de junho de 1910, p. 3.

Exemplo típico foi a demorada presença do Circo Russo-Japonês, cujos cartazes alinhavam uma relação de "estrêlas" internacionais disputando as preferências das multidões.

Clubes esportivos abundavam. Vários clubes futebolísticos competiam entre si na Praça Benjamin Constant, pelo campeonato municipal.

Os rios numerosos ofereciam oportunidades para as associações de remo e barcos, e a natação era muito popular nas correntes menores, mais calmas e mais cristalinas. Tênis, luta romana, tiro ao alvo e o ciclismo também tinham os seus aficionados. E para o prazer das tardes de domingo, o *Derby Club* oferecia corridas de cavalos às duas horas, no Prado Amazonense. Nos cinco páreos corridos, os cavalos competiam por prêmios avultados.

Tôdas as noites, quando o sol declinava e a brisa refrescante e suave da noite invadia a cidade vinda das margens do rio, grupos de caminhantes começavam a surgir na Avenida Eduardo Ribeiro ou na Praça do Comércio para o passeio habitual. Os homens trajavam-se sempre de gravata e paletó, e as mulheres habitualmente usavam luvas e chapéus. O formalismo português ainda não havia cedido lugar ao confôrto brasileiro. É claro que a temperatura no Amazonas na realidade jamais alcançou a sua temível reputação. A média era de 80.º F. e a diferença entre o dia e a noite poderia ser no máximo de 15º F. A humidade média era de 78%. Na realidade, Manaus jamais sofreu das alturas desagradáveis da temperatura de um dia de verão em Chicago, New York ou Washington. À proporção que pessoas de tôdas as classes passeavam ociosamente pelas ruas e praças trocando palavras amigáveis entre si, os restaurantes e cafés com calçadas à

frente começavam a ferver de gente. Trios, quartetos e quintetos davam os primeiros acordes nos principais restaurantes, e o fim da tarde criava vida com melodias de Strauss, Schubert, Lehar, Puccini, Wagner e Pacheco. Muitos dêles se especializavam no chá das cinco horas. Pastelarias francesas e alemães eram oferecidas por outros. O café era consumido em tôda a parte.

O caríssimo *Hotel-Restaurant Française* da Eduardo Ribeiro n.º 35 era muito popular na classe mais abastada. Edifício sólido, de dois andares, havia sido construído no melhor estilo francês "rococó", tão popular no Brasil, no início do século. Êle oferecia uma comodidade nova, que só existia nos estabelecimentos comerciais mais prósperos, inovação tornada possível graças à *Manaus Light Company,* que trazia o testemunho da modernidade da cidade — a luz elétrica. Num tom de "a nossa cidade tem de tudo o que há de mais moderno", o *Hotel-Restaurant Française* fazia alarde do fato de ser "iluminado a eletricidade". Multidões superlotavam as mesas do salão de jantar e das calçadas, ao som de uma pequena orquestra.

Ao passar das primeiras horas da noite, as fileiras de caminhantes se tornavam mais esparsas. Haviam começado a entrar nos cinemas, ou quando havia função no Teatro Amazonas, uma multidão elegante para lá convergia. Manaus era, e ainda o é, extraordinàriamente orgulhosa de seu grande e bem ornado teatro. Construído inteiramente com dinheiro da borracha nos anos de 1891 - 1896, calcula-se que tenha custado dois milhões de dólares, preço astronômico para a época.

Como a maioria dos prédios brasileiros construídos no século dezenove, antes do estilo francês "rococó" entrar em voga, o Teatro Amazonas apresenta um exterior uniforme e sóbrio, dando asas à imaginação bar-

roca, no interior. Construído de pedra, tem entradas e pilares em acabamento de mármore italiano. O interior ricamente elaborado, brilha com folheados a ouro e embriaga com o luxuriante veludo vermelho. Figuras clássicas das mitologias Grega e Romana rivalizam com motivos locais e indígenas nas decorações, pinturas e esculturas. Cabeças indígenas projetam-se da balaustrada das escadas e fôlhas de palmeiras entrelaçam as frisas. Murais retratam deuses e deusas européias fazendo travessuras no Amazonas. De Angelis, artista famoso da época, decorou os tetos. Enormes espelhos dourados refletem o esplendor dos candelabros. O poço da orquestra comporta, com facilidade, sessenta músicos, e a platéia em seus dias era considerada imensa. A visita da Gran Companhia Dramática de Teatro de Exposição Nacional, de 1908, constituiu-se no ponto alto da temporada de 1910. A noite de gala da abertura, no dia 23 de julho deleitou os habitantes de Manaus, que acorreram em massa ao teatro para ver a maior artista do dia, Lucília Péres. Seu desempenho em *A Dama das Camélias* três semanas mais tarde gerou excitamento e entusiasmo no público freqüentador de teatro. Tôdas as noites, no resto da temporada de inverno, a companhia encenou obras de dramaturgos franceses, portuguêses e brasileiros e, invariàvelmente, os jornais do dia seguinte a cada apresentação eclodiam com elogios ao "desempenho inspirado" dos artistas sulinos (12).

A temporada teatral, contudo, constituía apenas uma resumida parte da florescente vida social da capital da borracha. Os bailes representavam um papel ainda mais importante. Muitos clubes sociais, entre os

---

(12) La Union, Manaus, 1 de janeiro de 1910, p. 9. A Palavra, Manaus, 27 de agôsto de 1910, p. 3.

quais o Ideal parece ter sido o mais aristocrático (13), ofereciam festividades durante quase o ano todo. Desnecessário dizer que os jornais relatavam sòmente as atividades dos escalões superiores da sociedade local. Relatos efusivos de festas oferecidas por ricos comerciantes e altos funcionários governamentais, mostram que Manaus dava-se ao luxo de uma vida social sem precedentes. O relato a seguir é bem típico:

> Festa verdadeiramente distinta foi oferecida em sua aprazível residência no dia 6 dêste mês, pelo Coronel Américo Rebelo, ilustre comerciante desta cidade, em regozijo ao aniversário de sua graciosa enteada Mlle. Amethysta Campos.

... seus salões... encontravam-se repletos de pessoas dos círculos mais elevados da sociedade amazonense, que recebiam as mais afetuosas atenções da *honorée*. Mlle. Amethysta com os modos encantadores que a distinguem e a *finesse* do trato que lhe é peculiar, no decorrer do lauto jantar oferecido em sua honra, correspondeu aos inúmeros brindes erguidos em seu nome, pelos seus incontáveis admiradores e amigos de sua ilustre família... (14).

Vez por outra, os participantes dessas reuniões sociais faziam uma pausa na conversação para ouvir um recital de piano ou canto, oferecido por um de seus membros com inclinações musicais. Marcos Sales, antes de sua viagem à Europa para continuação de seus estudos, apresentou-se em várias dessas reuniões e "a todos

---

(13) Relato mais detalhado sôbre a temporada teatral de 1910 pode ser encontrado em *Fastigio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem*, de Genesino Braga, (Manaus, 1960), pp. 88/89. Tanto o Jornal do Comércio como o Diário do Amazonas traziam relatos freqüentes da temporada, nos meses de julho e agôsto.

(14) A Palavra, Manaus, 27 de agôsto de 1910.

surpreendeu por seu progresso" (15). Êsses "virtuoses" eram invariàvelmente alunos da professôra Josephina Aranha de Castro ou de D. Francisca Georgina dos Santos, ambas lecionando música em aulas particulares, a primeira piano e canto, e a segunda sòmente piano.

Mas nem tudo era frivolidade. Noites espetaculares no teatro, diversões amenas nos cinemas e casas de espetáculos de caridade, e agradáveis festas, revelavam sòmente um lado da cena. Manaus oferecia ademais, passatempos mais sérios a seus habitantes. Brilhavam também as sociedades literárias, como o Clube Gil Vicente, o Grupo Dramático-Literário José de Alencar, o Centro Acadêmico, a Sociedade da Família Amazonense e a Sociedade Cívico-Literária Martins Júnior. Mantinham elas várias publicações como O Grande Anunciador e A Palavra, e de tempos em tempos apresentavam conferências ao público, as quais, ao que tudo indica, tinham grande afluência. Êstes exemplos ilustram os tipos de palestras apresentadas: O Dr. Ludwing Schwennhangen, da Sociedade de Geografia Comercial de Viena, falou na Associação Comercial no dia 15 de agôsto sôbre "Como melhorar as condições morais e econômicas do Amazonas"; Augusto de Lacerda, no Teatro Amazonas, dissertou em 9 de setembro sôbre as relações Luso-Brasileiras; e o "globe-trotter" italiano, Professor Francisco Lopresti, relatava na Prefeitura, no dia 31 de julho, as suas viagens pela América Latina. Um conferencista anterior no mesmo local, parece ter escolhido tópico menos definido: em 13 de março Castro Pinto falava sôbre "A Vida". O Clube Gil Vicente, além de apresentar peças teatrais, comemorou o centenário de Alexandre Herculano com discursos sôbre os

(15) Diário do Amazonas, Manaus, 19 de julho de 1910. p. 1.

seus trabalhos, seguidos de discussões versando os mesmos. A poesia tomava grande parte dessas tertúlias literárias.

Os habitantes de Manaus denotavam a costumeira devoção latina a Erato. As páginas do melhor jornal, o Jornal do Comércio, freqüentemente traziam as composições da larva dos bardos locais. Um recital esporádico oferecia a uma ou outra diva local oportunidade para mostrar os seus talentos. Madame Lago era uma delas, considerada por um dos jornais como "uma virtuose digna de aplausos" (16). Madame Lago deleitou e impressionou as audiências locais com um recital de piano e canto na Prefeitura, em meados de julho. A volta de um pintor, Aurélio de Figueiredo, após três anos de estudos na Alemanha, foi oportunidade para uma exibição de arte na Biblioteca Pública. O Governador e representantes de tôdas as classes sociais compareceram à abertura da exposição de quarenta telas retratando paisagens da Alemanha (17).

Manaus, para o seu tamanho, possuía uma audiência literária fora do comum. A cidade mantinha dois bons jornais diários, o JORNAL DO COMÉRCIO e o DIÁRIO DO AMAZONAS, bem como pelo menos mais uma dúzia de periódicos diferentes. As duas maiores livrarias ofereciam as últimas publicações brasileiras e jornais, revistas e livros estrangeiros (18). Certa vez, em 1910, a Livraria Universitária informava aos seus fregueses que as últimas aventuras de Búfalo Bill e Nick Carter haviam chegado e estavam expostas à venda. O grande interêsse por jornais e livros tanto estrangeiros

(16) Diário do Amazonas, 15 de julho de 1910, p. 1.

(17) Jornal do Comércio, 17 de março de 1910, p. 1.

(18) Braga, Fastígio... p. 86, Diário do Amazonas, 2 de setembro de 1910, p. 4.

como nacionais, pode ser explicado parcialmente pela elevada percentagem de empresários estrangeiros na comunidade, mas a melhor explicação reside no fato de que Manaus possuía um sistema educacional excepcionalmente bem desenvolvido. Realmente, a maior soma sob uma única rubrica do orçamento estadual de 1910 destinava-se à educação (19). E a maior parte dessa verba permanecia em Manaus.

As quarenta e cinco escolas primárias da capital matriculavam 2.037 alunos. Havia ainda uma quantidade não especificada de escolas primárias particulares. A única secundária em todo o Estado funcionava na capital, com 260 alunos. A Escola Normal tinha 140 alunos. Além disso, funcionavam na capital algumas escolas especiais: o Instituto Afonso Pena, escola vocacional para rapazes, com 101 alunos; o Instituto Benjamin Constant para môças órfãs, com 108 alunas: a Escola Municipal de Comércio, fundada em fevereiro de 1910 e que oferecia aulas a 42 alunos normais e 26 ouvintes havendo, ainda, quatro escolas noturnas espalhadas pela cidade, com 134 alunos (20).

A quantidade de alunos empenhada numa ou outra forma de estudo é bem elevada, comparando-se com outras cidades de igual tamanho no Brasil, naquele tempo.

A estrutura educacional foi coroada em 15 de março de 1910, com a criação da Escola Universitária Gratuita de Manaus. A nova Universidade, tècnicamente a primeira do Brasil, consistia de cinco faculdades: Ciências e Letras, Engenharia, Farmácia, Odontologia e Direito. O corpo docente era composto de trinta e oito professôres. Dos 159 alunos, uma percentagem razoà-

(19) Estado do Amazonas... Mensagem... pelo Governador, 1910 (Manaus, 1911), p. 45.

(20) Ibid. p. 34.

velmente grande era de mulheres, que davam preferência ao estudo de Direito (21).

Duas escolas de línguas completavam o quadro educacional de Manaus em 1910 e davam testemunho da atmosfera cosmopolita da cidade interiorana. Um certo casal Mr. e Mrs. Winston Jones, de nacionalidade desconhecida mas aparentemente das Ilhas Britânicas, dirigia o Instituto Anglo-Francês de Línguas Vivas. Sua maior competidora era a Escola Berlitz, que ensinava inglês, francês e alemão.

Havia um outro aspecto mais fechado, mas nem por isso mais escondido, da vida noturna de Manaus. O jôgo e a prostituição atraíam a clientela masculina para os bordéis noturnos, que não eram poucos. Meretrizes atraídas pela atmosfera da época afluíam de tôdas as partes do mundo, destruindo qualquer monopólio que as beldades locais pudessem ter desejado. O mais infame dêsses lupanares ficava na Praça Pedro II, às vistas da mansão governamental. Não é muito difícil se advinhar algumas das conseqüências das visitas amorosas àquele local. Os jornais diários traziam anúncios para a "cura rápida e definitiva da gonorréia" (velha ou nova).

As doenças sociais podem ter sido comuns, mas não constituíam a maior parte dos males da cidade. Não é surprêsa que a malária detivesse êsse galhardão. Os registros do Hospital Militar para 1910 acrescentam ainda o beribéri, distúrbios gástricos, reumatismo articular, bronquite, e a astenia, nessa ordem, como as doenças de maior incidência nessa área (22). Manaus era, apesar disso, uma cidade saudável.

---

(21) Arquivos da Universidade de Manaus, Manaus, Ano IV, Vol. IV, n.º 111, p. 123.

(22) Estado, Mensagem, p. 130.

Se o clima e as condições de salubridade não constituíam obstáculos para se viver em Manaus em 1910, o custo astronômico de vida o era. Os visitantes jamais deixaram de mencionar os altos preços das mercadorias e dos serviços, que eram, no Amazonas, quatro vêzes superiores ao de New York (23). O café era vendido ao equivalente de vinte centavos de dólar a libra-pêso, o açúcar a quinze, o arroz e feijão a doze (24). Êsses artigos eram a base da dieta de um trabalhor comum. A média dos seringueiros daquela época ganhava aproximadamente noventa e sete centavos de dólar por dia, três ou quatro vêzes mais que o seu homônimo do Oriente, mas ainda não o bastante para tirá-lo da pobreza (25). Êsses preços elevados eram o resultado da recusa da população de se dedicar à agricultura. Os habitantes do Estado importavam quase tudo o que consumiam ao concentrarem tôda a sua energia na exploração da borracha (26). Além do custo do transporte dos gêneros alimentícios para Manaus, o Govêrno Federal impôs pesadas tarifas nas importações estrangeiras, e grande parte dela era de gêneros de primiera necessidade. Essas despesas de importação, naturalmente, eram transferidas para o consumidor. Como acontece normalmente, as classes menos favorecidas é que sofriam mais. A lista a seguir, das principais importações daquele ano, A lista a seguir, das principais importações daquele ano, indica a variedade de artigos importados para a região (27).

---

(23) J. F. Wooddroffe e H. H. Smith, A Indústria da Borracha do Amazonas, (Londres, 1915) p. 15.

(24) Ibid.

(25) Associação Comercial, Estado, p. 120.

(26) Ibid. p. 44.

(27) Estado, Mensagem, p. 26.

água soda
água mineral
açúcar
álcool
alfafa
alho
artigos de algodão
azeite de oliveira
azeitonas
arroz
banha
Banha de porco
bacalhau
bombons
batatas
cerveja
carne enlatada
champagne (729 caixas)
charutos
chocolate
café
cimento
cognac
carne-sêca
caprinos
cavalares
ervilhas
feijão
gasolina
gêneros alimentícios enlatados
gin (2762 caixas)
ginger ale (4681 caixas)
gado vacum
querosene
fósforos
leite condensado
lentilhas
licores (2659 caixas)
limas (frutas)
manteiga
material têxtil
milho
muares
massa de tomate
passas (uvas)
pólvora
perfumes (1594 caixas)
pickles, queijo
resina
rum
sabonete, sabão
salsichas defumadas
sardinhas, suínos,
tecidos
trigo
vermouth (6087 caixas)
vinagre
velas
vinho
whiskey (4223 caixas)
zinco

Notável nessa lista é a quantidade de artigos de luxo, assim como a de gêneros de primeira necessidade que se precisava importar. Paralelamente às importações de 729 caixas de champagne, 4.223 caixas de whiskey e 1.594 caixas de perfumes, considerados artigos de luxo, o arroz e o feijão, sustentáculos da dieta brasileira, eram igualmente trazidos do exterior. A atenção que as classes governamentais davam à exploração da borracha com o conseqüente descaso para com a agricultura, era uma repetição do que havia acontecido nos campos mineiros de Minas Gerais há século

e meio atrás: os preços dos alimentos subiam ràpidamente e com êles o custo de vida.

Êsses preços astronômicos pouco incomodavam os barões da borracha. Êles continuavam indiferentemente a construir uma cidade agradável para si mesmos. É verdade que a prosperidade era obscurecida pelo afloramento de cortiços na orla da cidade. É verdade que a pobreza se espalhava pelos caminhos. É verdade que a subnutrição campeava entre as classes mais pobres. Nisso Manaus diferia pouco das outras cidades. Mas a evidência mostra que a capital do Amazonas, proporcionalmente, possuía menos pobreza e tinha mais belas casas que outras cidades.

As suntuosas residências dos ricaços ainda existem para testemunhar a afluência de parte do capital. Exemplo típico é a mansão governamental de hoje, conhecida como Palácio Rio Negro, e que foi a residência de um dos mais prósperos comerciantes de borracha, Waldemar Scholz. E sua casa era só um pouco mais rica que as da maioria dos milionários da borracha.

Essas casas, geralmente de dois andares, ficavam dentro de altos muros de pedra, no centro de jardins. Construções sólidas, imitavam o europeu e nenhuma concessão faziam aos trópicos, a exceção das janelas altas. Seus tetos planos pareciam desmentir o fato de que chovia freqüente e torrencialmente. De conformidade com os tempos, as casas eram profusamente decoradas com caneluras, arabescos e entalhes ornamentais. Quase sempre, estátuas clássicas e vasos pesados ornavam as balaustradas sôbre os telhados. Nos dias mais quentes, ventiladores elétricos e gêlo, do qual havia um suprimento "ilimitado", esfriavam os espaçosos salões (28). Essas grandes e confortáveis residências

(28) Marie R. Wright, O Nôvo Brasil (Philadelphia, 1907), p. 393.

abrigavam os criadores de uma nova sociedade tropical, que havia transformado uma vila mal cuidada em uma cidade de fama mundial.

Realmente, em pouco mais de uma geração, Manaus havia mudado completamente. Um morador da cidade do ano de 1870 teria muita dificuldade em reconhecê-la, na primeira década do século vinte. Para se fazer uma idéia dessa metamorfose, basta que se recorde os relatos dos primeiros viajantes que vieram a Manaus. Em 1865, William Scully notava sucintamente: "A população é de cêrca de 5.000 almas e a cidade possui umas 300 casas mais os prédios governamentais, que se encontram em péssimas condições" (29). Poucos anos depois Franz Keller visitou a cidade de passagem para os altos rios. Seu diário igualmente breve é ainda mais desencorajador: "Manaus não passa de uma insignificante vila de 3.000 habitantes. Ruas sem pavimentação, péssimamente alinhadas, casas baixas, cabanas da mais primitiva construção, sem qualquer noção arquitetônica, e numerosas "vendas" portuguêsas... não dão a menor impressão de conjunto" (30). A rápida transformação de vila em cidade foi devida a um único fator: a borracha. O período áureo da *hévea* construiu a moderna Manaus; a êle a capital do Amazonas deveu a sua prosperidade de então.

Localizada no centro do Amazonas, Manaus era o ponto lógico para a coleta da borracha vinda do interior. Por muitos anos, os seringueiros haviam desaparecido ao longo dos inúmeros afluentes do rio Amazonas e alcançado as mais distantes regiões do interior. Assim fazendo, não só cortavam novas seringueiras e

---

(29) Brasil, Suas Províncias e Principais Cidades (Londres, 1866) p. 358.

(30) Os Rios Amazonas e Madeira (Philadélphia, 1875) p. 40.

aumentavam a exportação, mas levavam também os direitos territoriais brasileiros às mais longínquas florestas da América do Sul, até então desabitadas. Êles executaram o papel dos bandeirantes modernos (31). A colonização do interior do Amazonas feita pelos seringueiros, validou as reinvidicações de "uti possidetis" do Brasil, o direito de propriedade pela posse, que serviu de base ao acôrdo definitivo e vantajoso de fronteiras assinado pelo Barão do Rio Branco. A vitória mais espetacular dos seringueiros foi no Acre, onde sua presença permitiu ao Brasil a anexação de uma área rica em borracha, de 72.580 milhas quadradas, outrora tida como boliviana (32). De seus campos provisórios e depauperados ao longo do emaranhado de rios do interior, os seringueiros, prêsos ao trabalho perigoso por seus débitos, embarcavam o "ouro negro" rio abaixo, através de intermediários, para a capital do Estado, de onde grande parte era reembarcada para Belém, na desembocadura do rio, e então exportada.

Ao longo do Rio Negro, partindo da Venezuela; do Içá e Japurá, vindo da Colômbia; do Solimões, do Juruá, do Purus e Javari, vindo do Peru; e do Acre e Madeira, partindo da Bolívia, a borracha flutuava em direção a Manaus, aumentando a riqueza e a ostentação do movimentado pôrto fluvial, sem que com isso deixasse o interior em melhor situação (33).

Para receber êsses embarques o Estado havia ordenado a construção de um nôvo pôrto. O govêrno outor-

---

(31) Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros (Rio, 1957) p. 240. Cosme Ferreira Filho, A Borracha na Economia Amazônica (M. 1952) p. 5.

(32) Delgado de Carvalho, História Diplomática do Brasil (São Paulo, 1959) pp. 221/227.

(33) Wright, O Nôvo Brasil, p. 381; Revista da Associação Comercial do Amazonas, (Fevereiro de 1911) pp. 9/10.

gou uma concessão em 1910, à Manaus Habour Limited. Essa firma inglêsa construiu primeiramente um pontão flutuante sôbre o rio, com capacidade para dois navios de grande calado. Uma plataforma de quatrocentos pés ligava o pontão aos armazéns em terra, construídos de ferro, e a mercadoria era transportada por cabos aéreos. A capacidade de descarga dessa plataforma era de aproximadamente três toneladas por minuto (34). Poucos anos depois, a companhia construía outra plataforma flutuante, também com capacidade para dois navios. Uma passagem flutuante ligava a nova plataforma a novos armazéns em terra.

A atividade portuária cresceu ràpidamente na primeira década do século vinte. Bandeiras estrangeiras, particularmente britânicas e alemães se misturavam livremente com bandeiras brasileiras, no pôrto. O ano de 1910 viu 151 navios britânicos e 23 navios alemães atracados nos cais flutuantes (35), e marcou um recorde para o movimento de navios, inigualado até quinze anos depois. Aproximadamente 1.675 navios de grande calado, lanchas e navios a vela aportaram em Manaus. Dêsse número, 144 diretamente da Europa ou dos Estados Unidos. Outros 119 procederam do sul do Brasil e 237 subiram o rio vindo de Belém (36). Com um tráfego dessa amplitude, o nôvo pôrto cedo deixou de ser adequado; conseqüentemente, navios começaram a se alinhar no meio do rio, para aguardar atracação.

O congestionamento do tráfego marítimo despertou considerável grita dos comerciantes e homens de negócios locais. Dirigiam as suas invectivas à Manaus Har-

---

(34) Wright, O Nôvo Brasil, p. 394.

(35) Os dados dêste total foram compilados mensalmente da Revista da Associação Comercial do Amazonas, de fevereiro de 1910 a janeiro de 1911.

(36) Bittencourt, Chorographia, p. 191.

bour Limited a quem acusavam de deixar de oferecer serviços adequados por ter o monopólio do pôrto. Os jornais quase sempre interpretando a voz das classes comerciantes, atacavam com freqüência a companhia e divulgavam as reclamações da cidade. No início de março, o *Jornal do Comércio* relatava que nem as aparelhagens, muito menos o pessoal da companhia, eram suficientes para o volume do tráfego, e dizia que as taxas portuárias excediam de longe os serviços prestados (37).

Poucos dias depois o jornal voltava ao ataque. Denunciava, agora, que a companhia inglêsa estava deixando de renovar o pôrto conforme rezava o seu contrato, e estava abusando do monopólio (38). Artigo na Revista da Associação Comercial resumia as principais reclamações dos comerciantes contra a Manaus Harbour em seis pontos: "1.º - o aumento das taxas para carga e descarga, 2.º - o manuseio irregular, que forçava os navios a não cumprirem seus horários, 3.º - atrasos no pôrto, 4.º - equipamento insuficiente para atender o tráfego, 5.º - falta de estivadores e espaço de armazenamento, e 6.º - incapacidade de oferecer serviço adequado e satisfatório (39). Sem dúvidas o artigo trouxe para a forma escrita a maior parte das reclamações que circulavam pela Eduardo Ribeiro e pelos principais cafés da cidade. É compreensível que elas tenham atingido o auge, durante o ano de maior atividade do pôrto.

O desejo de expandir as facilidades portuárias pareceu mais lógico em 1910. Os comerciantes acabavam de sair de sua maior década de exportação. Haviam embarcado 345.079 toneladas de borracha bruta

---

(37) Março, 4, 1910, p. 1.

(38) Jornal do Comércio, 9 de março de 1910, p. 1.

(39) Revista da Associação Comercial do Amazonas, 10 de maio de 1910, pp. 2/3.

para o exterior, bem mais de cem mil toneladas sôbre o que haviam vendido na década anterior ou viriam a vender na próxima (40). Sòmente em 1910, umas 38.000 toneladas foram embarcadas para New York, Liverpool, Le Havre, Hamburgo e Antuérpia, principais mercados mundiais do produto (41). New York havia se transformado no mercado mais importante da *hévea*. Em dez anos, a sua participação nas compras de borracha pulava de dez para sessenta por cento (42). E na realidade, perto de 60% da borracha vendida em New York em 1910, era brasileira (43). Já em 1915, os Estados Unidos estavam comprando acima de seis vêzes mais que a Grã-Bretanha, oito vêzes mais que a Rússia e a França, doze vêzes mais que a Alemanha e a Itália (44). O Jornal do Comércio informava a seus leitores: "parece que o futuro do mercado da borracha está na dependência da atitude dos fabricantes americanos" (45). O aumento rápido da produção automobilística, tornado possível por uma série de inventores brilhantes de Goodyear a Ford, explicava o aumento brusco das importações de borracha pelos Estados Unidos.

No início de 1910, o futuro das vendas de borracha parecia promissor para os comerciantes.

O preço por libra-pêso continuou a sua curva ascendente até atingir o clímax em abril. Naquele mês, uma libra-pêso de borracha foi vendida a US$ 2.90 (46), um recorde desde então jamais igualado. A ale-

(40) Cosme Ferreira Filho, A Borracha, p. 10.

(41) Jorge Guidacci (de) Anuário de Manaus (Lisboa, 1913) Part. IV, p. 55.

(42) Estado do Amazonas, Relatório da Diretoria do Banco Amazonense (Manaus, 1911) p. 9.

(43) Associação Comercial, Estado, p. 40.

(44) L. E. Elliott, Brasil, Hoje e Amanhã (New York, 1917) p. 205.

(45) Julho, 31, 1910, p. 4.

(46) Associação Comercial, Estado, p. 132.

gria dos barões da borracha foi efêmera. Em maio os preços começaram a declinar com a mesma regularidade com que haviam subido. Contudo, os preços em queda contínua durante todo o resto do ano, ainda não impediram que 1910 estabelecesse recordes de rendas. O preço médio para o ano foi de US$ 2.01, consideràvelmente superior à média da US$ 1.60 para 1909, e aproximadamente o dôbro da média de 1908, de US$ 1.18 (47). Além disso, os lucros auferidos em 1910 estabeleceram o recorde para as rendas resultantes da borracha, embora mais borracha tivesse sido exportada nos anos anteriores (48).

Os primeiros meses de alta de 1910 levaram os exaltados comerciantes e homens de negócios da capital a estabelecer a Bôlsa da Borracha, na sede da Associação Comercial. Serviço telegráfico direto ligava a Bôlsa com Londres. Diàriamente, entre três e quatro horas da tarde, os comerciantes mais proeminentes se reuniam ali para receber as últimas cotações do mercado mundial (49). Suas conversas, suas discussões, suas exclamações de aprovação ou censura, devem ter feito a Bôlsa parecer uma Tôrre de Babel do século vinte. Predominava entre os sócios uma variedade de estrangeiros. Nomes como Dusendchon, Zargas & Companhia, Kingdon & Company, Alden Limited, Scholz & Company, Armazéns Gerais Anderson, Corbacks & Company, e Gordon & Company, predominavam (50). Nomes portuguêses eram pouco freqüentes. Embora 133 pessoas e firmas estivessem ativamente comprando borracha, dez

(47) Estado do Amazonas, Relatório da Diretoria, p. 7, Associação Comercial do Estado, p. 132, Estado do Amazonas, Relatório da Diretoria do Banco Amazonense (Manaus, 1912), anexo n.º 6.

(48) Elliott, Brasil, pp. 187/188.

(49) Revistas da Associação Comercial do Amazonas (Junho de 1910), p. 2.

(50) Ibid. (Fevereiro de 1911), p. 7.

companhias dominavam o mercado (51). Na ordem das quantidades que exportavam, elas eram:

Dusendchon, Zargas & Co.	3.770.018 kg
Scholz & Co.	2.509.050 "
Adelbert H. Alden Ltd.	1.432.907 "
Armazéns Anderson	224.869 "
Gordon & Co.	1.016.398 "
Gunzburger, Levy & Co.	130.500 "
De Lagotellerie & Co.	125.191 "
J. G. Araújo	106.289 "
Theodore Levy Camille & Co.	75.090 "
J. C. Arana y Hermanos	68.557 "

Sòmente uma dessas companhias parecia ser portuguêsa ou brasileira.

Dominando essa colônia poliglota de comerciantes em 1910, estava Waldemar Scholz, presidente da poderosa Associação Comercial. Sua face redonda e pálida, seu cabelo para trás, "pince-nez", bigode à Kaiser e olhar intenso, mostravam a todos as suas origens teutônicas. Herr Scholz negociava com todos os produtos do Amazonas, era o segundo exportador de borracha, importava uma variedade de artigos e representava inúmeras firmas européias. Um dos jornais locais descrevia como "de visão clara, energia incomparável e atividade extraordinária, não sendo surprêsa que na luta pela vida tivesse vencido e conseguido lucros consideráveis de seus empreendimentos" (52). "Lucros consideráveis" sem dúvida seria no caso rara expressão latina para amenizar o óbvio. Construiu para si a melhor casa

(51) Tráfego do Pôrto de Manaus... durante o ano de 1910 (Manaus, 1911) Mapa L-1.

(52) La Unión (Manaus) 20 de outubro de 1910, p. 5.

da cidade, hoje, palácio governamental. Aparentemente êle dirigia a Associação Comercial com a mesma eficiência que os seus próprios negociantes. Êle e seus colegas da Associação ganhavam muito dinheiro, trouxeram bons tempos para a cidade, e encheram os cofres públicos.

As rendas da borracha alegravam o govêrno. De fato, o único interêsse demonstrado pelo Govêrno do Estado para com a indústria era o de criar impostos (53). uma taxa de vinte por cento sôbre cada quilo de borracha exportada (54), significava que o tesouro estava sempre "abarrotado". O orçamento do estado para 1910, de 15:561.000$000 foi superado por um excesso de arrecadação de 18:069.162$372 (55). A borracha forneceu 82,11% dessa renda. No ano anterior ela havia contribuído com 79,04% e em 1910 entraria com 77,50% (56). Do valor total das exportações em 1910, de 88:057.483$930, 85:663.000$000 correspondiam à borracha, enquanto o segundo produto de exportação, a castanha, alcançava sòmente 1:731.382$000 (57). Em sua mensagem anual daquele ano, o governador se queixava da atenção sempre crescente e dos investimentos focalizados na indústria da borracha, com o descuido conseqüente para com a castanha, o pirarucu, o cacau, a madeira, o guaraná e os produtos silvestres. Considerava essa concentração como potencialmente perigosa (58).

---

(53) John Melby "Rio da Borracha: Relato do Aumento e Colapso da Expansão do Amazonas" (Revista Histórica Hispano-Americana), XXII (Agôsto de 1942), p. 462.

(54) Lopes Gonçalves, O Amazonas, (New York, 1904), p. 8.

(55) Estado do Amazonas... Mensagem... pelo Governador... 1911 (Manaus de 1912) "Tesouro Público", p. 3.

(56) Associação Comercial, Estado, p. 38.

(57) Revista da Associação Comercial do Amazonas (Fevereiro de 1911) p. 22.

(58) Estado do Amazonas... Mensagem... pelo Governador... 1910 (Manaus de 1911) p. 370.

Como em tantas áreas da América Latina, as fortunas do Amazonas de então dependiam da venda, em mercado mundial caprichoso, de um produto natural bruto. Quando o mercado subia, a prosperidade animava a todos, obras públicas eram levadas a efeito, o desemprêgo desaparecia. Quando o mercado caía, a economia vegetava. Manaus também alcança as décadas hilariantes da demanda mundial pelo látex e a prosperidade daí advinda.

Em muitos sentidos a prosperidade foi além das fronteiras da floresta. Todo o Brasil se beneficiou. Depois do café, a borracha nos primeiros quinze anos do século vinte supriu o país com o maior volume de divisas. Um economista do Amazonas, Cosme Ferreira Filho, salientou que no período de 1905 a 1912, o café trouxe uns 25 milhões de libras esterlinas, enquanto a borracha trazia perto de 22 milhões (59). A Associação Comercial relatou que, de 1905 a 1909, a *hévea* contribuiu com 28,2% de tôdas as exportações brasileiras (60). O café representava 51,7%. Em 1910 essa participação subiu para 39,06% (61), até constituir, nos últimos anos da primeira década e nos primeiros anos da segunda, cêrca de um têrço da exportação do Brasil. O dinheiro pago pelo látex mantinha os Estados e Territórios do norte e trazia prosperidade a vários Estados do nordeste, cujos habitantes, em grande número, estavam envolvidos direta ou indiretamente na indústria. Por seu turno, os estados sulinos eram beneficiados pelas vendas de seus cereais, carne, café, tecidos e roupas para o norte. As grandes importações que os nortistas podiam se dar ao luxo de efetuar, também contribuíam para o tesouro

---

(59) A Borracha, p. 7.

(60) Revista da Associação Comercial do Amazonas (Dezembro de 1910) p. 2.

(61) Associação Comercial, Estado, p. 38.

nacional, através de elevados impostos de importação, coletados pelos serviços alfandegários federais (62).

A preocupação com os direitos aduaneiros, taxas, produção e preços internacionais, absorvia tôda a atenção e energia da elite. Sòmente uma vez, em 1910, tiveram êles a sua atenção desviada momentâneamente da borracha.

Uma rixa política explodiu em outubro e logo envolveu tôda Manaus. Há décadas a família oligárquica dos Nery controlava a política do Amazonas. Haviam colocado no Govêrno o Gov. Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, para cedo descobrir que êste mostrava uma tendência desconcertante para ações independentes. Os Nery resolveram removê-lo e procuraram a ajuda de seu poderoso amigo político, Pinheiro Machado, o gaúcho "fazedor de presidentes". Pinheiro Machado prontamente obteve o envio para Manaus de um oficial do exército, de confiança, transferido do Rio Grande do Sul, para assumir o comando das forças federais. Com êsse apoio, os Nery convenceram o legislativo estadual, sempre obediente, a depor o Governador por "conflitos de interêsses". Bittencourt, no entanto, recusou-se a deixar o cargo. As fôrças armadas, logo após, bombardearam a cidade no dia 8 de outubro. O Governador fugiu no dia seguinte para poupar a cidade de novos ataques. O imprudente bombardeio chocou e revoltou todo o Brasil. O presidente Nilo Peçanha, pessoalmente contrário a Pinheiro Machado, tomou o lado do governador Bittencourt contra os Nery. Os oficiais culpados pelo bombardeio foram chamados ao Rio de Janeiro, e

---

(62) Ibid. pp. 38/39. O Govêrno Federal obtinha a maioria de suas rendas taxando direito sôbre a importação; os govêrnos estaduais recebiam a maior parte de suas rendas através dos impostos sôbre a exportação. Elliott, Brasil, p. 203.

o Governador voltou triunfalmente para Manaus. O tumulto foi "puramente político" em suas causas e efeitos (63). Os comerciantes haviam demonstrado preocupação e repulsa aos acontecimentos, mas tão logo o presidente Nilo Peçanha interveio para serenar as águas politicamente conturbadas, concentraram-se novamente na exploração do látex e voltaram a tratar exclusivamente de seus assuntos econômicos.

Um lugar seguro na economia nacional e preços de exportação em espiral ascendente, inspiravam confiança aos comerciantes de borracha nos primeiros meses de 1910. Tôda a economia do norte vibrava com o seu entusiasmo. O "Primeiro Congresso Comercial, Industrial e Agricultural do Amazonas", reunido em Manaus entre 22 e 27 de fevereiro de 1910, alardeava "A superioridade dêste país como produtor de borracha, é garantida por muito tempo, devido à qualidade excepcional de seu produto, e a possibilidade de aumentar, indefinidamente, a produção de suas florestas" (64). O otimismo caracterizou o Congresso. Ainda assim, os realistas, e que possuíam também o dom de visionários (haviam realmente alguns), viam sombras no horizonte, que ameaçavam lançar o manto do desespêro sôbre o Amazonas.

A Ásia já começava a produzir borracha em quantidade. Em 1876, o inglês Henry Alexandre Wickman havia sub-reptìciamente levado sementes da *hévea brasiliensis* do Amazonas para os Jardins de Kew, em Londres.

Dali as mudas foram levadas para o Ceilão, onde plantações bem planejadas seriam feitas. As primeiras

---

(63) Afonso Arinos de Melo Franco. Um estadista da República (Rio, 1955) II, p. 65.

(64) Bertino Miranda (ed.) Anais do Congresso Comercial, Industrial e Agricultural do Amazonas (Manaus, 1911) p. 345.

seringueiras floresceram em 1881. As exportações iniciais dessas plantações eficientemente organizadas foram modestas. Em 1900 a Ásia exportou sòmente quatro toneladas, porém, como os dados abaixo mostram, as exportações aumentaram ràpidamente (65):

1905	145	toneladas
1910	8.000	"
1912	28.000	"
1914	71.000	"
1915	107.000	"

Em outras palavras, a percentagem da borracha de plantio, da Ásia, para o mercado mundial, cresceu de 0,3 em 1905 para 9,0 em 1910 e 67,6 em 1915. Já em 1922 a borracha de plantio concorria com 93,1% das vendas (66). O aumento brusco da produção para o mercado mundial, mais o baixo custo da mão-de-obra das plantações asiáticas baixaram os preços da borracha. Em conseqüência, em maio de 1910, o preço da borracha brasileira iniciou vagaroso mas constante declínio, que eventualmente traria a estagnação ao Amazonas (67).

Os preços em queda afligiram os barões da borracha. Acordaram completamente para as realidades cambiantes do mercado mundial. Pelos fins de 1910, a despeito de suas rendas brutas haverem excedido as de 1909, estavam em grande pânico. Os preços durante o mês de dezembro foram a metade dos de abril. A Revista da Associação Comercial para o último mês do

---

(65) Elliott, Brasil, p. 190.

(66) James Cooper Lawrence, A Luta Mundial pela Borracha, 1905/1931 (New York, 1931) p. 16.

(67) Normano, Brasil, p. 38; Caio Prado Junior, História Econômica do Brasil (São Paulo, 1962) p. 246.

ano queixava-se amargamente da situação, e aconselhava os comerciantes a "enfrentar corajosamente o perigo, eliminando as despesas desnecessárias e reduzindo o custo da produção o máximo possível" (68). Do início ao fim o tom da revista era pessimista. Previa preços ainda mais baixos nos anos vindouros, e essas previsões estavam certas.

Os comerciantes tinham relutância em culpar seus próprios métodos de produção ineficientes e casuais. Ao invés, procuravam por causas mais remotas. Acusavam o Govêrno Federal de dedicar as suas atenções para o café e de negligenciar o resto da economia (69). Outro alvo cômodo para a sua ira eram os Estados Unidos, o maior comprador mundial de borracha.

No princípio de julho, o Jornal do Comércio acusava os "especuladores yankees" de causar a queda dos preços (70). Até instituições serena como o Banco Amazonense via um dedo de culpa nos fabricantes americanos, a quem acusava de intrometerem-se no mercado mundial da borracha para conseguir a baixa de seus preços, para maior vantagem de seus próprios negócios (71). Os comerciantes de Manaus inclinavam-se a subestimar a causa mais importante de sua desdita: a plantação em larga escala da Ásia, que podiam produzir mais, e mais barato, que o Amazonas (72). Na reali-

(68) Revista da Associação Comercial do Amazonas, dezembro de 1910, p. 3.

(69) Ibid. p. 2.

(70) 23 de Julho de 1910, p. 7.

(71) Estado do Amazonas, Relatório da Diretoria do Banco Amazonense (Manaus, 1911), p. 8.

(72) Os problemas da indústria da borracha no Brasil são tratados ligeiramente mas de maneira segura, por E. C. Buley - Brasil, Norte (Londres, 1914), pp. 114/123. O autor previu, corretamente, as páginas 116, "A borracha brasileira será forçada a se retirar do mercado, pois é impossível produzi-la de modo tão barato (como a Ásia)".

dade, a Ásia havia conseguido quebrar o monopólio há tanto tempo mantido pelo Brasil, de maior produtor mundial de borracha.

Não importa como diagnosticassem os seus problemas. O fato é que em dezembro de 1910 compreenderam que o período áureo estava terminado e que êles precisavam de ajuda, e imediata, para evitar novos declínios. Lembraram-se que fato semelhante de superprodução e preços desmoralizados havia envolvido a indústria do café há uns cinco anos atrás. Como o Brasil era o maior produtor dêsse artigo, a ação governamental nesse caso afetou o mercado internacional. A Convenção de Taubaté, firmada entre os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, com a promessa de ajuda do govêrno central, em 1906, decidiu pela redução das plantações e a retirada de parte das safras do mercado. Os preços do café começaram a subir depois disto, e o julgamento inicial era de que a Convenção tinha sido um sucesso. Recusando-se acreditar que não tinham mais o monopólio mundial em face da produtividade da Ásia, os barões da borracha pugnaram por uma "Convenção do Amazonas", a ser assinada entre os Estados do Amazonas e Pará, e o Govêrno Federal, com o fito de obter, para a borracha, a valorização alcançada pelo café (73). Sua finalidade era estabilizar os preços, e como medida de emergência, o Govêrno do Estado do Amazonas decretou uma lei irrealista, fixando a intervenção na indústria (74). Os comerciantes, contudo, continuavam a procurar ajuda do Govêrno Federal, como a única fonte capaz de salvar a situação (75). O Rio de Janeiro vacilava. Os políticos

(73) Estado do Amazonas, Relatório da Diretoria (1911) p. 14.

(74) Estado do Amazonas, Leis, Decretos e Regulamentos, XI (Manaus, 1911) p. 59.

(75) Revista da Associação Comercial do Amazonas (Março, 1911), p. 6.

de lá, ao que parece, possuíam uma perspectiva mais acurada do cenário global, e sentiram a situação sem esperanças em que se encontrava a indústria da borracha.

A tardia Lei de Defesa da Borracha de 1922, encorajou a criação de plantações, melhorou os transportes, atraiu emigrantes e determinou uma redução de cinqüenta por cento nos impostos de exportação, mas não produziu resultado positivo. Também infrutíferos foram os planos de valorização postos em prática. O Banco do Brasil quase vai à bancarrota, ao comprar borracha e esperar por uma melhoria de preços que jamais veio (76).

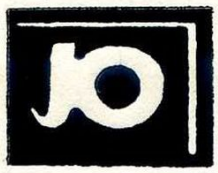
Era evidente que o período de fastígio da borracha amazônica havia terminado. Em Manaus, a prosperidade havia cedido lugar ao pânico, quando o histórico ano de 1910 chegou ao fim. Cessaram as atividades frenéticas tão características de uma cidade em expansão. As docas e os armazéns iriam deteriorar-se mais tarde; bancos fechariam; comerciantes estrangeiros mudar-se-iam para outras plagas; o Teatro Amazonas ficaria entregue ao abandono. Outro ciclo de expansão e colapso havia surgido no Brasil. A borracha havia sofrido o mesmo curso seguido pelo pau-brasil, o açúcar, os diamantes, o tabaco, o algodão e o cacau. Manaus tomava o seu lugar ao lado de Olinda e Ouro Prêto.

O ciclo da borracha, que durou aproximadamente vinte anos, não havia desaparecido sem deixar a sua marca no Amazonas. A atividade humana havia agitado o vale sonolento. O seringueiro audaz havia cruzado a hinterlândia em tôdas as direções à procura de sua prêsa e, assim o fazendo, expandiu as fronteiras brasileiras. O competente pilôto navegou por rios e

(76) Melby, Rio da Borracha, p. 463.

afluentes desconhecidos em qualquer carta de navegação, estendendo assim o território nacional navegável. Em três décadas, a população do Amazonas havia triplicado. Um dos sinais mais visíveis da transformação do Estado, foi a mudança de Manaus, de uma sonolenta vila em uma cidade cosmopolita, que, nos áureos dias de 1910, "era pomposa, romântica, falaz, e sem destino" (77).

(77) Ramayana de Chevalier, "A Bôlha de Sabão", Leitura (Rio de Janeiro, Março de 1964), p. 34.



editôra artenova limitada

beco dos barbeiros, 6-201 tel 31 2641

planejamento jornalístico e edição de livros e revistas

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA